



# a voz da abadía

A VOZ DAS GENTES DE ENTRE HOMEM E CÁVADO

ANO VII — N.º 206

Director: ALEXANDRE VAZ

11 DE NOVEMBRO DE 1993

QUINZENÁRIO



SAI NAS SEGUNDAS E ÚLTIMAS QUINTAS-FEIRAS DO MÊS

PREÇO: 50\$00

TAXA PAGA  
4700 BRAGA  
PORTUGAL

## Estão de parabéns os Bombeiros de Amares

Já não é a primeira vez que aparece o nome dos Bombeiros Voluntários de Amares escarrapachado pelos jornais, com actos de coragem e bravura.

Hoje torna-se pú-

blico mais um acto praticado por aqueles prestigiosos Soldados da Paz, não só pela forma como os temos visto a actuar mas muito em especial um dos seus membros que mereceu toda a nossa atenção e,

vai concerteza, merecer a simpatia dos nossos estimados leitores.

Em Fevereiro deste ano, pelas duas horas da tarde, foi encontrado nestas águas geladas e num lugar perigosíssimo dada a corrente e

profundidade do rio, um cidadão de origem inglesa (Peter Brauner) que ali passeava numa canoa e dadas as dificuldades do local que desconhecia e o mau tempo que corria, o cidadão inglês lutava contra a vida e a morte sem esperanças de vida. Isto foi passado no Rio Cávado.

Este caso foi por alguém transmitido aos Bombeiros que de imediato ali apareceram e o Bombeiro N.º 19, de 2.ª Classe, José Augusto Cunha Antunes, salta para a água e ao fim de 30 minutos de luta, traz para terra a vítima, sã e salva.

Este gesto mereceu muita admiração pelos colegas, Comando, a Direcção, o Ex.º Senhor



Presidente e Vice-Presidente da Direcção entregam o Diploma a José Augusto Cunha Antunes, Bombeiro n.º 19, de 2.ª classe

Inspector Regional de Bombeiros do Norte, à Liga dos Bombeiros e talvez ao povo de Amares.

Por isso, no dia 1 de Novembro passado, este Soldado da Paz foi condecorado com a Medalha de Ouro de

Coragem e Abnegação da Liga dos Bombeiros de Portugal.

Na foto pode-se ver o Presidente e Vice-Presidente da Direcção na entrega do Diploma e da Prestigiosa e bem merecida Medalha.



## O CASO DA QUINZENA

MÁRIO DIAS RAMOS  
PÁGINA 10

## SUMÁRIO

Testemunho de um Turista

PÁGINA 2

Pelo Santuário

PÁGINA 3

Imprensa de Braga em revista

PÁGINA 7

Crónicas Selvagens

PÁGINA 10

## COVIDE: Grupo de Guias Inglesas

No dia 19 de Outubro/93 estiveram no Centro Social de Covide, um grupo de Guias inglesas, vinham acompanhadas de quatro Guias portuguesas que lhes faziam a tradução. Queriam conhecer o Norte, por isso vieram até Braga e de Braga a Covide transportadas num carro da Cruz Vermelha, chegaram às 13 horas.

No Centro Social foram recebidas pela Coordenadora Local das Guias de Terras de Bouro; em seguida almoçaram no Centro e depois de visitarem as instalações e os vários grupos, foram de visita ao Centro de Artesanato, aí se demoraram algum tempo, fizeram compras, admiraram o Artesanato e o variadíssimo número de peças que aí existem.

Estavam contentes e felizes a respirar o ar puro, o perfume da Natureza e a altitude da serra.



## a voz da abadia

A VOZ DAS GENTES DE ENTRE HOMEME CÁVADO

Quinzenário regionalista e independente

DIRECTOR

Prof. Alexandre Vaz

DIRECTOR-ADJUNTO

José Filipe

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
Santuário de Nossa Senhora da Abadia  
Santa Maria de Bouro  
4720 AMARES  
Telefone (053) 371197

PROPRIETÁRIO  
Confraria de Nossa Senhora da Abadia

DEPÓSITO LEGAL N.º 12453/86

COMPOSTO E IMPRESSO  
EDITORA CORREIO DO MINHO/SM  
Palácio de Exposições e Desportos  
Telefone 74087  
4703 BRAGA CODEX

ASSINATURA ANUAL: 1.200\$00  
NÚMERO AVULSO: 50\$00

TIRAGEM MÉDIA MENSAL  
3.500 EXEMPLARES

DIVULGUE E ASSINE

## a voz da abadia

Colabore connosco na expansão deste jornal.  
Faça dos seus Amigos assinantes  
de «A Voz da Abadia» — enviando-nos,  
devidamente preenchido, este cupão.

NOME \_\_\_\_\_

MORADA \_\_\_\_\_

Assinatura Anual (1.200\$00) .....

Assinatura Bi-anual (2.400\$00) .....

Assinatura de Benfeitor ( ) .....

Renovação da Assinatura (Anos: ) .....

**Nas páginas  
deste Jornal  
o seu nome  
nunca fica mal...**

**Por isso anuncie  
n'A VOZ DA ABADIA**

## TESTEMUNHO DE UM TURISTA

Para tomada de conhecimento, enviamos a *tradução resumida* de uma carta do Sr. Dkfm. Wilfried Wollmann que fez uma primeira visita a Portugal no passado mês de Agosto:

### Críticas positivas:

1. As numerosas e senhoriais cidades antigas, como Guimarães, Tomar, Braga, Évora e Coimbra. Pena que estas cidades sejam estranguladas pelo trânsito, sendo de criar zonas para peões, embora já haja algumas.

2. Há uma série de monumentos notáveis como Batalha, Maфра ou Sintra.

3. O contacto com a população foi sempre agradável, não tivemos roubos nem fomos molestados.

### Críticas negativas:

1. Com poucas excepções, a rede de estradas não corresponde às exigências do trânsito, não só dentro das localidades mas na periferia e nas zonas de escoamento do mesmo.

2. A sinalização dentro e fora das localidades é frequentemente muito má, apesar de eu ser uma pessoa muito viajada e com experiência e sentido de orientação enganei-me muitas vezes.

3. Para turistas privados há muito poucas possibilidades de alojamento, foi sempre muito difícil encontrar qualquer coisa, também em zonas menos concorridas turisticamente, o que já não aconteceu atravessando a fronteira para Espanha.

4. O pior de tudo, o verdadeiramente grave: não o lixo, a porcária! Não só nas ruas mas sobretudo nas zonas de estacionamento e nas estradas. Em cada parque, na natureza, uma lixeira, entulho em quantidades. Aqui parece-me — e peço desculpa — haver uma tarefa de educação a prestar junto da população!»

Este o teor da carta do Sr. Wollmann, que apesar de tudo ficou encantado com o nosso país. Sabemos que às qualidades dos nossos Serviços e da oferta portuguesa e de Portugal, muito há a fazer para resolver, remediar ou impedir que se estrague uma região, um país na Europa que muito tem a oferecer aos habitantes deste continente.



## CARTAS AO DIRECTOR

Seramil, 20 de Outubro de 1993

Ex.º Senhor Director:

Chamo-me Seramil e sou uma freguesia do concelho de Amares. Quero dizer que não sou uma aldeia do outro mundo, como foi dito numa edição de Agosto passado neste jornal, mas apenas uma terra como tantas outras, não somente em Portugal, mas também noutros países da Europa Comunitária.

Para os que discordam desta minha afirmação devo dizer que estão mal informados e desconhecem o Portugal geográfico onde existe

ainda aldeias muito mais isoladas e carenciadas. Senão vejamos o caso de Mafomedes, do concelho de Baião, onde só tem merceiro uma vez por mês. Esta terra foi alvo de várias reportagens TV relativamente aos caprinos com brucelese.

Recuso o que acerca de mim foi dito e sobretudo por quem foi dito. Reconheço, contudo, e quem me conhecer sabe que, atendendo à minha situação geográfica e à zona acidentada onde me encontro, serei sempre uma freguesia com muitos limites.

Dos muitos filhos que tenho emigrados, um deles está na Alemanha há 21 anos, pelo que está com ideias bastante germânicas e, como gosta muito de fazer «politiquice», em troca de proporções gratuitas, resolveu publicar no jornal «A VOZ DA ABADIA» um artigo cheio de exageros.

Tudo leva a entender que esse emigrante quer ver aqui em Seramil as infra-estruturas equivalentes às de uma sede

de concelho e porque não até de uma capital de Distrito? O leitor minimamente informado e realista, logo verifica que tudo isso não passa de mera paranóia, até porque esse Senhor nunca investiu em Seramil tanto como uma nota de vinte escudos. Atendendo a que as suas economias foram canalizadas lá para a Bracara Augusta, aconselhava-o a dirigir-se a ela quando pretender exigir progressos semelhantes aos do país que o acolheu.

Sou uma terra muito humilde, mas infelizmente não preciso de comer pão duro, como foi dito, pois sou visitada diariamente por um pa-

deiro que me traz pão fresco, e na única mercearia, para além do referido salpicão, tenho para os que não usam álcool vários tipos de refrigerantes, cujas marcas não vou aqui publicitar. Para os menos atentos à sociedade de consumo na qual estamos inseridos, lembro que grande parte do lucro obtido na venda desses refrigerantes revertem para as grandes multinacionais que detêm as patentes enquanto que o meu bom vinho verde regional, é retrógrado consumir. Pelo menos, foi o que eu concluí ao ler a reportagem.

Fernando Antunes

Pensão

UNIVERSAL

ABERTA TODO O ANO

Restaurante

EM

TERMAS

DE CALDELAS

Telefones 36236 / 36286  
4720 AMARES

## AGRADECIMENTO

A família de Mavilde de Jesus Domingues, profundamente sensibilizada, agradece, publicamente, todas as manifestações de amizade e carinho de quantos partilharam os dolorosos momentos da DESPEDIDA.

## SABEDORIA DO NOSSO POVO

- Não saia de casa sem capa e merenda, para que ao fim do dia não se arrependa...
- Quem sabe o que se passa no convento é quem está lá dentro.
- Deus escreve direito por linhas tortas.
- Não faças mal, que esperes vir bem.
- O que sabe rezear, sabe ponderar.
- Quem nasceu para ser pobre, mais vale a morte que a má sorte.
- Mais vale a boa fama do que se deitar numa boa cama.
- A necessidade não tem barreiras.
- Burra velha não toma carreira, anda sempre da mesma maneira.
- Fugir do gago quando está zangado, porque facilmente fica endiabrado.
- Logo que Outubro venha, procura a lenha.
- Em Outubro pega tudo e recolhe tudo.
- Pelo S. Simão e S. Judas já colhidas as uvas.

# PELO SANTUÁRIO



## VISITAS

Nos dias 2 e 3 de Outubro os grupos de escuteiros de Vila Seca, Barcelos, estiveram instalados nos «Quartéis de Cima» da Abadia.

Eram trinta e oito jovens do agrupamento CNE 870; vieram lobitos, exploradores, pioneiros e caminheiros.

Participaram na eucaristia dominical das 9,30 horas: leram as leituras e cantaram alguns cânticos para a solenizar.

Ofereceram 1.000\$00 para pagar a despesa da luz que gastaram.

Resolveram fazer o acampamento do fim do ano escutista e do início duma nova caminhada na Abadia, por acharem este lugar propício à concentração do espírito para reflectirem no que tinham feito e nas actividades que desejavam fazer.

— No dia 5 de Outubro, as crianças da catequese de Atães, Guimarães, com os catequistas e o pároco visitaram o Santuário de Nossa Senhora da Abadia. Depois seguiram para o S. Bento e para o Gerês.

— No dia 29 de Outubro as irmãs dominicanas vieram à Abadia num passeio que organizaram para visitar os santuários de Nossa Senhora da Abadia e de S. Bento.

## OFERTAS

Deolinda Simões, Chorense, Terras de Bouro, ofereceu a Nossa Senhora da Abadia, 2.000\$00.

Visite a Exposição Comemorativa de S. Bernardo no Museu Nossa Senhora da Abadia

## FESTA DA IMACULADA CONCEIÇÃO

No dia 8 de Dezembro é a festa litúrgica da Igreja da Imaculada Conceição de Nossa Senhora.

Temos no Santuário às 11 horas missa solene com sermão.

## PROMESSAS

Cumpriram promessas a Nossa Senhora da Abadia e deram-lhe: João Gonçalves Pereira e a esposa Alzira Pereira da Rocha, 2.000\$00; João Baptista da Silva Domingues, Paradela de Frades, 2.000\$00.

## HORÁRIO DAS MISSAS

Nos meses de inverno, de Novembro a Março, aos domingos e dias santos a Eucaristia é às 11 horas da manhã e de tarde às 16 horas.

Nos sábados às 17,30 horas.

A missa das 11 horas dos domingos e dias santos é pelos irmãos da Confraria e pelos benfeitores do Santuário, uns e outros quer vivos quer falecidos.

## PAGAMENTO DE ASSINATURAS

Pagaram a assinatura de «A Voz da Abadia», o que muito agradecemos, os estimados Amigos deste Jornal:

João Fernandes Soares, Luxemburgo (1993)	1.200\$00
Manuel da Silva, Praceta (1993)	1.500\$00
Rodrigues Pereira, Luxemburgo (1993)	1.200\$00
João Araújo Fernandes, Luxemburgo (1993)	1.200\$00
Pároco de Calheiros, Ponte de Lima (1993)	1.200\$00
Gabriel Costinha Névoa, Luxemburgo (1993)	1.500\$00
Ângelo de Jesus da Silva, Luxemburgo (1993)	1.200\$00
João Baptista de Araújo, Bouro (1994)	1.200\$00
João da Silva e Sousa, Luxemburgo (1992/93)	2.400\$00
Manuel de Sousa Cerqueira, Luxemburgo (1993)	1.200\$00
Paulo Santos Mota Freitas, Vilela (1994)	1.500\$00
Adelino da Conceição Dias, Luxemburgo (1993)	1.300\$00
José Clemente Marques da Silva, Vilela (1993)	1.200\$00
Altino Fernandes Cascão Martins, Valdosende (1988/93)	5.000\$00
Professor Costa Leite, Bouro (1992/93)	2.500\$00
António José Fernandes Afonso, Luxemburgo (1993)	1.300\$00
Miguel António da Silva, Balança (1992/93)	2.400\$00
João Manuel da Silva Fernandes, Souto (1992/93)	2.400\$00
João Augusto da Silva, Souto (1992/93)	2.400\$00
Francisco Sousa e Silva, Lisboa (1993)	1.200\$00
António Antunes Paredes, França (1992/93)	2.400\$00
Domingos Manuel Gomes Barata, França	1.500\$00
Herculano de Jesus Pereira, Alemanha	5.000\$00
De Carvalho Domingos, França (1993)	1.200\$00
José Andrade do Vale, Figueiredo	1.200\$00
Casimiro Ferreira da Silva, França	1.200\$00
D. Cecília Lara, Oliveira de Azeméis (1993)	1.200\$00
Manuel Alves Vitoriano, Ferreiros (1992)	1.200\$00

### CM CASA MACEDO

DE - José Cassiano Gonçalves Macedo

TECIDOS • MALHAS • CONFECÇÕES • PRONTO A VESTIR  
CALÇADO • MIÚDEZAS, ETC. — EMP. S/ PÊNHORES

Praça do Comércio, 102 a 106

Telefone 993176

4720 AMARES

## Fernando

OCULISTA

ESTABELECIMENTO  
COM  
TÉCNICO QUALIFICADO  
EM  
ÓPTICA OCULAR

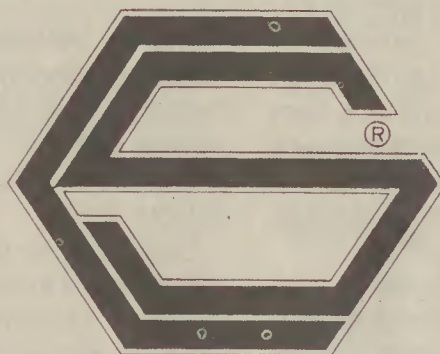
Rua do Souto, 23

(Junto à Casa das Louças)

Telefone 27703

4700 BRAGA

## CARDOSO DA SAUDADE



— FATOS

— CALÇAS

— CASACOS

— BLUSÕES

ARTIGOS DE ALTA QUALIDADE  
A PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA

## CARDOSO DA SAUDADE

LARGO DE SANTA CRUZ — BRAGA

## AMARES

Foi no passado dia 2 de Outubro que cerca de seis dezenas de jovens oriundos de várias paróquias do Arciprestado de Amares participaram num passeio promovido pela Equipa Arciprestal de Amares da Pastoral Juvenil.

Com o início marcado para Bouro (Santa Maria), os dois autocarros que transportariam os «turistas» foram-se deslocando em direcção a Amares, tendo logo em Santa Marta surgido o primeiro preçalço: alguns dos participantes iam ficando em terra, não fosse, já em Goães, alguém lembrar-se de que ainda faltavam alguns, tendo um dos autocarros regressado, para fazer a recolha.

Goães, Amares, Feira Nova, Carrazedo e Rendufe foram as paragens seguintes para

recolher os passeantes. Depois, foi o abalar em direcção a Ponte de Lima: a primeira paragem, para o desjejum, feito por cada um a seu intento, uma vez que o tempo não era muito.

Já aqui tinha surgido uma mensagem trocada entre os dois autocarros, na tentativa de evitar a separação motivada pelo facto da «comitiva» viajar em separado. E foi o «conta os espanhóis rodar, rodar».

Já em Tuy, fez-se a paragem para comprar o que faltava aos farnéis que cada um pre-

parou a seu modo: é que antes da partida não foi possível comprar pão. E procurou-se um local para o repasto: pena é que não tenha aparecido.

Abalámos. Vigo era o destino. Largo à vista e toca a preparar as «mesas» para o almoço. A chuva ameaçava acompanhar-nos na refeição. A gentileza fez-se pesosa na pessoa da dona de um restaurante que prontamente nos cedeu a cave do mesmo para servir de sala de jantar à juventude amarense. Almoço a decorrer com a alegria a aumentar. Até

os parabéns foram entoados. Num gesto de cortesia, tomámos o nosso café no referido restaurante. E partimos.

A Vigo chegámos e a visita à cidade foi feita, mormente à «catedral» da moda.

Meia tarde e era o regresso a Portugal (que saudades!) para uma paragem em Valença, junto às muralhas. Tempo para apresentações, justificação da iniciativa aos participantes, alguns jogos. O lanche e visita ao interior das muralhas. O regresso a casa aproximava-se.

ca»: os motoristas. Souberam ser jovens com os jovens que conduziam e mostraram que a juventude de espírito não tem idades.

## Novo ano

O início do novo ano de actividades da Equipa Arciprestal de Amares da Pastoral Juvenil pode considerar-se concretizado na realização do passeio, uma vez que surgiu já depois do período de férias. Programas, planos de actividades, novos membros e novos delegados diocesanos são coisas que mostram que a Pastoral Juvenil tem sentido quando são os próprios jovens os principais incentivadores dessa pastoral.

Em Amares sente-se pulsar a Juventude.

O Repórter para a História

## PASTORAL JUVENIL PROMOVEU PASSEIO DE JOVENS DO ARCIPRESTADO

## CURSO DE AJUDANTES AUXILIARES

O Centro Regional da Segurança Social de Braga, organizou uma Acção de Formação para as Ajudantes Auxiliares dos Centros Sociais e Paroquiais de: Valdosende, Rio Caldo, Covide, Carvalheira, Moimenta, Choreense e Souto.

O Curso teve início no dia 24 de Setembro, no Centro de Saúde de Terras de Bouro, terminaram as aulas teóricas no dia 22 de Outubro; seguiram as práticas até ao dia 29 do mesmo mês, em vários locais, em lares e em apoio ao domicílio.

No dia 8 de Novembro voltaram a reunir-se no Centro de Saúde para fazerem os testes



de avaliação. Daí por uma semana vai ser a festa final e a entrega dos diplomas.

Foi um Curso muito

bom e muito rico em saberes, as matérias dadas foram de grande utilidade para o trabalho em que estas formandas estão envolvidas, «os idosos».

O programa era formado pelos seguintes temas: Noções Básicas de Saúde (Médico), Cuidados de Enfermagem e Higiene, Higiene alimentar, Tratamentos de escaras, Medidas de Higiene e Conforto, Fisioterapia, Problemática Social do Idoso (Enfermeiros), Psicologia (Psicólogo), Economia Doméstica; Relações Humanas (Assistente Social), Problemática da Família em

Risco e Deficiência (Assistente Social), Deficiência Infantil (Educadora de Infância), Problemáticas Sociais (Assistente Social).

Este Curso foi muito bom, todos os formadores deram o seu melhor e as formandas mostraram grande interesse em aprender e pôr em prática com os seus Idosos todos os ensinamentos que lhes foram ministrados.

A Caixa Geral de Depósitos apoiou, oferecendo as capas, papel, esferográficas, etc.

O Centro Social de Covide apoiou com uma técnica toda a Acção de Formação.

## GOÃES

## FESTA DA SENHORA DO ROSÁRIO

No passado dia 31 celebrou-se em Goães a festa da Sr.<sup>a</sup> do Rosário sem grande pompa mas com a solenidade desejada: Missa cantada, prática e procissão com os foguetes a darem ares de festa, foi o que houve e chegou bem. O mais importante uma festa religiosa é o povo, que graças a Deus compareceu em grande número. Uma manifestação de fé e amor à Mãe de Deus.

Na homilia, transformada em sermão fez-se um resumo da vida de N.<sup>a</sup> Senhora extraída dos Evangelhos. Antes que tudo é necessário conhecer a vida da Virgem Maria para se falar dela e a fonte mais importante é o Evangelho. Antes da fé na Virgem temos que conhecer a fé da Virgem.

## Catequese

Em meados de Outubro teve início a catequese em Goães que no ano transacto correu muito bem e neste ano acredita-se que venha a correr melhor. Para já estão matriculados cerca de 60 crianças desde a 1.<sup>a</sup> até à 7.<sup>a</sup> classe,

com as catequistas: Lurdes, Isabel, Cristina, Cati, Anabela e Helena a darem o seu concurso com a generosidade habitual.

Pede-se aos pais, elementos muito importantes na catequese que continuem a darem o seu concurso sempre valioso.

## Grupo de Jovens

Num dos próximos domingos haverá a primeira reunião deste ano 93/94 para o Grupo de Jovens de Goães. No ano anterior houve várias reuniões com a participação bastante boa, diga-se, tanto qualitativa como quantitativa. Será bom que os jovens continuem a interessar-se pela permanência e pelo crescimento do grupo. Os objectivos são os melhores: criar um clima de bom entendimento e união na freguesia e uma formação cívica, humana e espiritual daqueles que se preparam para a vida. Os problemas do mundo actual exigem uma igreja em movimento e o papel dos jovens é importantíssimo.

**VISITE O SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DA ABADIA**



### FUNERÁRIA SANTA MARIA



Agência funerária  
Cóm Carro Fúnebre próprio

Trata de toda a documentação de funerais.  
Funerais e Transladações para todo o País.  
Coroas e Palmas em flores naturais.  
Ornamentação de Andores e Cruzes Pascais.

Telef. 371195 / 79244

Bouro (Santa Maria)

4720 AMARES

Há coisas que, na vida e, até, depois dela, falam por si, e se impõem à posteridade pela grandeza que encerram e o significado que revelam.

Efectivamente, numa altura em que as seitas religiosas proliferam por todo o País, e as exigências burocráticas, com formalismos por vezes inultrapassáveis e desanimadores, ainda são uma constante da sociedade democrática em que vivemos, é para realçar o facto da construção da nova igreja da freguesia de Moimenta, da Vila e Concelho de Terras de Bouro, a inaugurar já no dia 8 de Dezembro do corrente ano.

Dentro do complexo urbanístico das Terras de Portugal, e porque somos um povo de arreigadas tradições cristãs católicas, existe uma ou mais igrejas com seus altaneiros campanários visíveis de longa distância, quais sentinelas a atestar a fé multise-

## MOIMENTA

# FREGUESIA TEM NOVA IGREJA

Por

Narciso José Gonçalves

secular dum povo diferente fixado na plataforma do velho Continente Europeu.

Em termos escatológicos, elas (as Igrejas), não são senão o lugar destinado às assembleias de fiéis para a celebração dos actos litúrgicos duma doutrina que se impôs ao Mundo (vai para 2000 anos), como mensagem salvífica, trazida e pregada por Jesus Cristo.

E seguindo esta linha de pensamento, a freguesia de Moimenta tinha também, como não podia deixar de ser, a sua igreja.

Só que, e dada a sua antiguidade,

pois data de 1699, e deslocação, encontrava-se em adiantado estado de degradação e ruína, e sem condições para acolher os fiéis, razão que levou o pároco a utilizar a capela de S. Brás, sita na vila, não obstante as suas acanhadas dimensões.

A montante desta capela, e porque não dispunha de torreão ou torre para os sinos, foram estes suspensos dum grosso e vetusto carvalho, que chegou a constituir motivo turístico para quem visitava aquela vila e sede dum concelho engravado nos contrafortes da Serra do Gerês, com uma orografia de rara beleza, fauna e flora exóticas, barragens e albufeiras de águas espelhantes e de incalculável valor lúdico e, como é óbvio, de grande atracção turística.

Porém, e apesar disso, o problema da nova igreja arrastava-se já por vários anos sem solução possível, não obstante se ter constituído, em tempos, uma comissão para o resolver, mas sem sucesso.

No entanto, pároco sucede a pároco, até que surge o homem resolutivo e determinado — o Padre Fernando Bento da Costa e Sousa, jovem de 37 anos de idade.

Mercê das minhas funções de dirigente da Repartição de Finanças do Concelho, tive o grato prazer de contactar com o Padre Fernando, e logo me apercebi tratar-se de pessoa dinâmica, humilde, inteligente, simples e bondoso, para além dum despreendimento evangélico das coisas materiais deste Mundo, pensando mais nos outros do que em si próprio.

Como é natural, fiquei com a melhor impressão, até porque, permiti-

ta-se-me, caro leitor, que o afirme, vive-se, actualmente, uma vida caracterizada pelo comodismo e egoísmo desenfreados, que chega mesmo a atingir alguns eclesiásticos.

Confiante, apesar desta triste realidade, o Reverendo Padre Bento procura concitar as forças vivas da sua paróquia e recorre a todos os meios legais para levar a bom termo tão importante como necessário empreendimento.

O seu custo global orça em mais de cem mil contos, subsidiado em parte e como é costume, pelo Estado, arquidiocese de Braga, confraria de S. Bento da Porta Aberta e Câmara Municipal, cabendo, porém, a maior fásquia, à bondosa gente de Moimenta, com uma referência especial para o Sr. Diamantino Viana, da comissão organizativa, e demais elementos.

O templo (a nova igreja), é amplo, construído dentro das normas modernas da arquitectura eclesiástica, e integra a residência e respectivo centro paroquial para reuniões de cariz catequético, pastoral e cultural.

Para colmatar estas breves considerações, é bom que se diga também que o sacerdote em causa criou o Lar da 3.ª Idade, que ele próprio dirige, e é pároco de mais três freguesias, ou seja, Gondoriz, Cibões e Brufe.

Por isso, houve por bem abandonar o lugar de professor da Escola Preparatória de Vila Verde, rejeitando, porventura e à partida, uma possível pensão de reforma futura, para não comprometer o designio pastoral que se lhe propunha.

Na verdade quando a vontade impera e tem por lema o trabalho, não há obstáculos invencíveis, daqui se inferindo a filosofia do velho provérbio latino «Labor omnia vincit». E foi assim que nasceu a nova igreja da freguesia de Moimenta (Covas), em Terras de Bouro.

Bem haja, portanto, P.º Fernando! Missão cumprida.

## COVIDE

### TÉCNICA SOCIAL DE MOÇAMBIQUE ESTAGIA NO CENTRO SOCIAL E PAROQUIAL



A Isabel no Artesanato

No Centro Social e Paroquial esteve durante duas semanas a fazer Estágio, uma Técnica Social de Moçambique, a Isabel. Durante todo o Estágio a Isabel mostrou muito interesse por todas as actividades do Centro Social. Na Creche, no Jardim de Infância, na A.T.L., nos Idosos e no Artesanato, a Isabel sempre esteve presente e interessada em

saber todos os pormenores; participou e conviveu com todos os grupos e segundo a avaliação dela aprendeu muitas coisas e levou consigo uma experiência que a irá ajudar a empreender vastas actividades de desenvolvimento no seu país.

A Isabel partiu no dia 22 de Outubro deixando saudades a todos que com ela conviveram.



A Isabel na Creche

## SOUTO

### FIÉIS DEFUNTOS

Vão longe os tempos em que a morte era algo de próximo e natural. Ela morava debaixo do mesmo telhado e dormia no mesmo leito ao lado do velhinho e do jovem. Todos ou quase todos a tinham presente nos bons e maus momentos; porque fosse desejada ou indesejada era uma realidade; as pessoas preocupavam-se em preparar a sua chegada.

Hoje os tempos são outros; ela mora longe, que ilusão! e a sua existência não tem sentido, porque o homem tornou-se materialista.

O dia 2 de Novembro, para uns é dia de finados, dia de visita ao cemitério, dia de ornamentar as campas, por vezes com flores sem

alma. Contudo para outros, aqueles que acreditam no além túmulo, é dia de Fiéis Defuntos; visitam o cemitério, colocam flores e mais, o mais importante, intercedem ao Senhor da vida e da morte, com orações e sacrifícios para que os seus ente queridos descansem em paz.

More perto ou longe, seja desejada ou indesejada, é uma realidade. Preparemo-nos para a receber.

#### Festa das Colheitas

É já tradição desta freguesia fazer a Festa das Colheitas.

O agricultor que semeia e colhe independentemente de boa ou

fraca colheita guarda sempre algo para oferecer ao Criador; prova de gratidão.

Uns para esta festa oferecem cereais, vinho, outros feijão e tubérculos, outros ainda animais domésticos e ainda outros entregam valores monetários. Todos estão conscientes que devem desprenderem-se de alguma coisa para benefício da comunidade paroquial.

Este ano como nos anos anteriores estas dádivas foram canalizadas para a obra do Centro Paroquial e Social desta freguesia. Feito o Bazar, as ofertas e valores renderam 268 contos.

A todos se agradece mais este pequeno contributo, recordando as palavras do Evangelho onde Jesus nos pagará cem por um.

## O ESPLENDOR DA VERDADE A moral e a renovação da vida social e política

Perante as graves formas de injustiça social e económica e de corrupção política, que pesam sobre povos e nações inteiras, cresce a reacção indignada de muitíssimas pessoas oprimidas e humilhadas nos seus direitos humanos fundamentais e torna-se sempre mais ampla e sentida a *necessidade de uma radical renovação* pessoal e social, capaz de assegurar justiça, solidariedade, honestidade, transparência.

É certamente longa e dura a estrada a percorrer; numerosos e ingentes são os esforços a cumprir para levar a cabo uma tal renovação, inclusive pela multiplicidade e gravidade das causas que geram e alimentam as situações de injustiça hoje presentes no mundo. Mas, como ensina a história e a experiência de cada um, não é difícil identificar, na base destas situações, causas propriamente «culturais», isto é, relacionadas com determinadas visões do

homem, da sociedade e do mundo. Na verdade, no âmbito da *questão cultural* está o *sentido moral*, que, por sua vez, se fundamenta e realiza no *sentido religioso*.

Só Deus, o Bem supremo, constitui a base irremovível e a condição insubstituível da moralidade, e portanto dos mandamentos, em particular dos negativos, que proíbem, sempre e em todos os casos, o comportamento e os actos incompatíveis com a dignidade pessoal de cada homem. Deste modo, o Bem supremo e o bem moral encontram-se na *verdade*: a verdade de Deus Criador e Redentor e a verdade do homem criado e redimido por Ele. Apenas sobre esta verdade é possível construir uma sociedade renovada e resolver os complexos e gravosos problemas que a abalam, sendo o primeiro deles vencer as mais diversas formas de totalitarismo para abrir caminho à autêntica *liberdade* da pessoa. «O totalitarismo nasce da negação da verdade em sentido objectivo: se não existe uma verdade transcendente, na obediência à qual o homem adquire a sua plena identidade, então não há qualquer princípio seguro que garanta relações justas entre os homens. Com efeito, o seu interesse de classe, de grupo, de nação contrapõe-nos inevitavelmente uns aos outros. Se não se

reconhece a verdade transcendente, triunfa a força do poder, e cada um tende a aproveitar-se ao máximo dos meios à sua disposição para impor o próprio interesse ou opinião, sem atender aos direitos do outro (...). A raiz do totalitarismo moderno, portanto, deve ser reconhecida na negação da transcendente dignidade da pessoa humana, imagem visível de Deus invisível e, precisamente por isso, pela sua própria natureza, sujeito de direitos que ninguém pode violar: seja indivíduo, grupo, classe, nação ou Estado. Nem tão pouco o pode fazer a maioria de um corpo social, lançando-se contra a minoria, alienando, oprimindo, explorando ou tentando destruí-la».

Por isso, a conexão indivisível entre verdade e liberdade — que exprime o vínculo essencial entre a sabedoria e a vontade de Deus — possui um significado de extrema importância para a vida das pessoas no âmbito sócio-económico e sócio-político, como resulta da doutrina social da Igreja — a qual «pertence (...) ao campo da teologia e, especialmente da teologia moral», — e da sua apresentação de princípios que regulam a vida social, económica e política, não só no que se refere a atitudes gerais, mas também a precisos e determinados comportamentos e actos concretos.

Desta forma, o *Catecismo da Igreja Católica*, depois de ter afirmado que, «em matéria económica, o respeito da dignidade humana exige a prática da virtude da *temperança*, para moderar o apego aos bens deste mundo; da virtude da *justiça*, para acautelar os direitos do próximo e lhe dar o que é devido; e da *solidariedade*, segundo a regra de ouro e conforme a liberalidade do Senhor, que, «sendo rico Se fez pobre para nos enriquecer com a sua pobreza» (2 Cor 8, 9)», apresenta uma série de comportamentos e actos que vão contra a dignidade humana: o furto, o reter deliberadamente coisas recebidas por empréstimo ou objectos perdidos, a fraude no comércio (cf. *Dt* 25, 13-16), os salários injustos (cf. *Dt* 24, 14-15; *Tg* 5, 4), o aumento dos preços, especulando sobre a ignorância e a necessidade alheia (cf. *Am* 8, 4-6), a apropriação e o uso privado dos bens sociais de uma empresa, os trabalhos mal executados, a fraude fiscal, a falsificação de cheques e facturas, os gastos excessivos, o desperdício, etc. E ainda: «O sétimo mandamento proíbe os actos ou empreendimentos que, seja por que motivo for — egoísta ou ideológico, mercantil ou totalitário —, conduzam a *escravizar seres humanos*, a desconhecer a sua dignidade pessoal,

a comprá-los, vendê-los, trocá-los como mercaderia. É um pecado contra a dignidade das pessoas e seus direitos fundamentais reduzi-las, pela violência, a um valor utilitário ou a uma fonte de lucro. S. Paulo ordenava a um amo cristão que tratasse seu escravo, também cristão, «não como escravo, mas como irmão (...), como um homem, no Senhor» (*Fim* 16)».

No âmbito político, deve-se assinalar que a veracidade nas relações dos governantes com os governados, a transparência na administração pública, a imparcialidade no serviço das instituições públicas, o respeito dos direitos dos adversários políticos, a tutela dos direitos dos acusados em processos e condenações sumárias, o uso justo e honesto do dinheiro público, a recusa de meios equívocos ou ilícitos para conquistar, manter e aumentar a todo o custo o poder, são princípios que encontram a sua raiz primária — como também a sua singular urgência — no valor transcendente da pessoa e nas exigências morais objectivas de governo dos Estados. Quando deixam de ser observados, esmorece o próprio fundamento da convivência política e toda a vida social fica progressivamente comprometida, ameaçada e votada à dissolução.

(Excerto da Encíclica «O Esplendor da Verdade», de João Paulo II)

### FIGUEIREDO

## REUNIÃO DE CURSO

Aconteceu nos dias 4 e 5 do mês passado. E, desta vez, lá para os lados de Sintra, no Rodízio, em Colares.

Foi mais um encontro dos alunos do Curso de 1941-53 dos Seminários Arquidiocesanos de Braga, a que pertencem Sua Eminência o Cardeal Patriarca de Lisboa, o Sr. Padre Custódio Pinto e o Diácono Cap. Araújo, bem como o Sr. Padre António Rodrigues, que foi pároco de Rendufe durante alguns anos, para além de outros Sacerdotes e leigos espalhados por muito longe — até pelo Brasil!

Alojamo-nos na **Casa de Retiros — SANTO INÁCIO**, onde não faltaram as comodidades indispensáveis em dormida e alimentação por um custo muito acessível **per capita**.

Um passeio, em autocarro, por Sintra e arredores, com visita guiada ao Palácio Nacional, preencheu a manhã do nosso **dia grande**. Depois, pelas 12 horas, foi celebrada a Eucaristia, presidida pelo Senhor Cardeal Patriarca, acolitado por Monsenhor Salazar e pelo Diácono Cap. Araújo. Concelebraram os Sacerdotes discípulos presentes, num total de cerca de uma vintena.

Seguidamente, foi o almoço de confraternização, e houve discursos e brindes em homenagem aos **vinte e cinco anos** de bispado do Senhor Cardeal.

Se, em 1991, a Reunião foi em Salamanca (por virtude do 50.º aniversário da nossa entrada no Seminário), e, em 1992, na histórica Cidade de Évora, ago-

ra, no próximo ano, encontrar-nos-emos em Esposende, mais propriamente em Belinho. — O sr. Padre Coutinho vai ser o dinamizador do Encontro.

### Aniversário

O sr. Eduardo Lauer, das Cales, completou, em 14 de Outubro último, oitenta e dois anos de idade.

Vivendo sozinho na sua casa, construída por si até ao mais pequeno pormenor, é uma pessoa bem disposta, bem-falante e amável, bem dada com todos e digna da nossa estima e consideração. Parabéns, sr. Eduardo.

### Os nossos doentes

— A sr.ª Ernestina Rodrigues Carneiro, esposa do nosso assinante Artur Gonçalves Félix, do Lugar Novo, foi submetida, no Hospital de S. Marcos, a uma intervenção cirúrgica do ramo urológico.

Está a recuperar muito bem.

— Nesta freguesia, temos doentinhos que, já pela dificuldade ou mesmo impossibilidade em caminhar, não saem ou saem muito pouco de casa.

A propósito, lembramos o sr. Carlos Freitas e a esposa do sr. Daniel, no Lugar da Igreja; a sr.ª Juditinha do Carvalho e o sr. Manuel Pinheiro, bem como a sr.ª Rosinha Pereira (viúva do sr. Carlos músico), em S. Sebastião; o sr. Adelino Costa, nas Cales; o sr. Zezinho de Castro, esposa e cunhado, e ainda o sr. Venâncio Flaviano, em Transfontão.



# FÁBRICA DE FATOS CASACOS CALÇAS

*de alta categoria!*

**À venda nos bons estabelecimentos**

PONTE DOS FALCÕES  
MAXIMINOS - 4700 BRAGA

TELEFONE 71210  
TELEX 32288 FACHO

# IMPrensa DE BRAGA EM REVISTA

VISTO POR MÁRIO DIAS RAMOS

Correio do Minho  
Diário do Minho

## Correio do Minho

### Amigos da Arcada: «recordar é continuar»

Alguém que pretenda falar dos «Amigos da Arcada» deverá começar sempre pela sigla «recordar é continuar» — não só porque aquele grupo a escolheu e por ela se identifica mas, também, porque tal frase leva o toque eloquente e o timbre do sublime: toque e timbre que é nota dominante daquele dia, um só dia no ano, em que os confraternizantes levantam a voz em coro e convidam «Vem, Amigo, vem, vem de longe, vem de perto, vem daí, no calor da nossa amizade temos sempre um lugar para ti».

Este ano, o encontro realizou-se no passado dia 7, com a concentração marcada para as 9.30 na Arcada (onde mais poderia ser?), seguindo-se a celebração de uma missa na igreja de Nossa Senhora da Lapa, uma romagem ao cemitério e um desfile automobilístico em direcção à basílica do Sameiro, onde foi prestada homenagem a Nossa Senhora.

Seguiu-se depois um almoço de confraternização no Hotel Sul Americano, no Bom Jesus, seguido de convívio com variedades.

## Diário do Minho

### Ana Moreira regressa ao Sporting de Braga

O Sporting de Braga reforçou a sua equipa de atletismo com a contratação da atleta Ana Moreira, do Maratona da Maia, confirmou ao *Diário do Minho* Manuel Esteves da Costa, responsável pelo atletismo arsenalista.

Trata-se, afinal de um regresso de Ana Moreira ao Sporting de Braga, clube que ainda recentemente representou. Depois vinculou-se ao Benfica, passando na época finda para a Maratona da Maia.

Com a contratação desta atleta, que se junta à da luso-canadiana Jackie Mota, o Sporting de Braga fica com a sua equipa completa e pronta para enfrentar uma nova temporada: Ana Moreira junta-se a Albertina Machado, Conceição Ferreira, Fernanda Marques, Manuela Machado, Fátima Novais e Jackie Mota.

Entretanto, a secção de atletismo do Sporting de Braga poderá receber nos próximos dias uma boa notícia, caso se confirme a concretização do negócio com uma empresa japonesa que se mostra interessada em patrocinar a modalidade.

A Nissan, empresa que em tempos



já patrocinou o atletismo do Sporting de Braga, aparece agora disposta a fazer o mesmo e para isso já pediu o orçamento ao clube, podendo o acordo fechar-se nos próximos dias o que, a acontecer, será um forte apoio para a modalidade.

## Diário do Minho

### 50.º Aniversário do Centro de Educação de Palmeira

O Centro de Educação Familiar de Palmeira, Braga, comemora no dia 16 do corrente o seu 50.º aniversário.

A efeméride é assinalada com a plantação de uma árvore, no adro da igreja paroquial.

Às 21 horas realiza-se um encontro de casais.

As comemorações prolongam-se, no entanto, até ao dia 27. Antes, no dia 20, pelas 18 horas, celebra-se uma

Eucaristia presidida por D. Jorge Ortiga, em acção de graças pelos 50 anos, a que se segue, pelas 19.15 horas, a abertura de uma exposição retrospectiva.

A festa comemorativa realiza-se pelas 21.30 horas, no salão da Junta de Freguesia.

As comemorações terminam no dia 27, pelas 14.30 horas, com um encontro desportivo inter-centros.

## Diário do Minho

### Obras nos claustros da Sé inauguradas a 5 de Dezembro

As obras em curso nos claustros da Sé de Braga vão ser inauguradas a 5 de Dezembro, ou seja, no dia de São Geraldo, padroeiro da cidade.

A comemoração abre, no entanto, na noite do dia 4, com um concerto na Catedral, incluindo actuações do Coro da Gulbenkian e da Orquestra de Câmara de Braga.

Já no domingo, destaca-se uma missa solene no período da manhã, seguindo-se um almoço entre responsáveis religiosos e representantes dos conselhos económico, paroquiais.

Para a cerimónia vão ser também convidados autarcas bracarenses.

Outra cerimónia de relevo, conforme referido, é a inauguração dos melhoramentos feitos nos claustros.

A festa de São Geral-



do coincide também com a aprovação do estatuto da Associação dos Amigos da Catedral.

## Diário do Minho

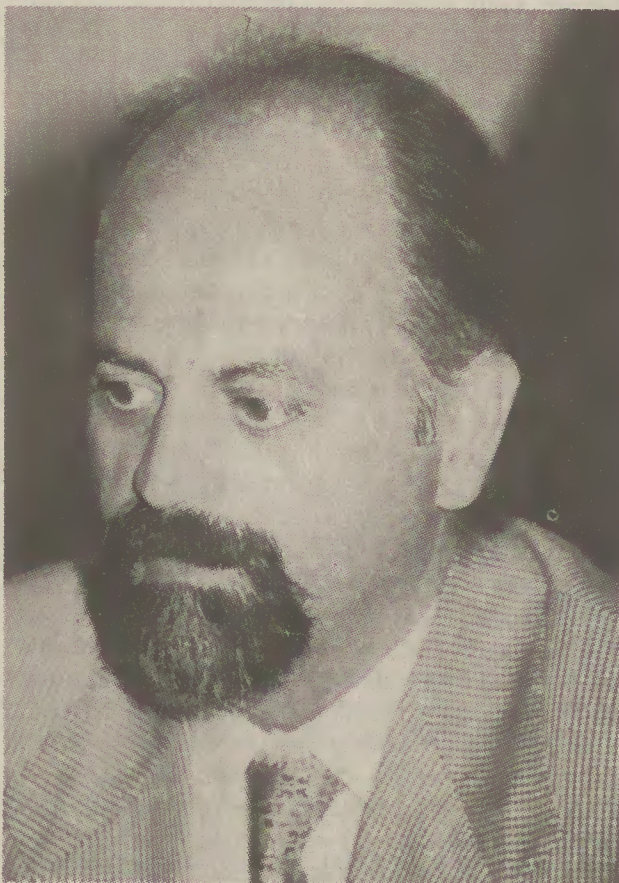
Na habitual crónica **Serenamente**, assinada por S.A., o seu autor cita o conhecido dramaturgo alemão comunista, Bertold Brecht, quando o autor de «Mãe Coragem» afirma: «Do rio que tudo arrasa se diz que é violento. Ninguém diz violentas as margens que o comprimem».

## Correio do Minho

### Mesquita Machado inaugurou Sede de Junta

«Quem mais trabalha é que é criticado porque, como diz o ditado popular, os rapazes só atiram pedras às árvores que têm bons frutos», disse em S. Jerónimo de Real, o presidente da Câmara Municipal de Braga.

Mesquita Machado falava durante a sessão que assinalou a inauguração da ampliação da sede de Junta de Freguesia, onde foi recebido com «guarda de honra» dos Escuteiros que tem nova sede no loteamento do Feital.



# PASSATEMPOS

## CALENDÁRIO AGRÍCOLA

## DEZ DIFERENÇAS



### NOS CAMPOS

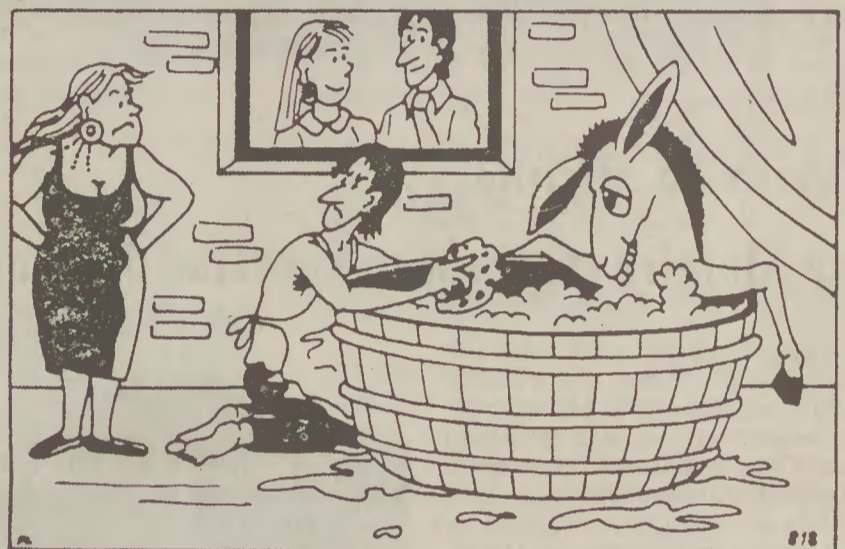
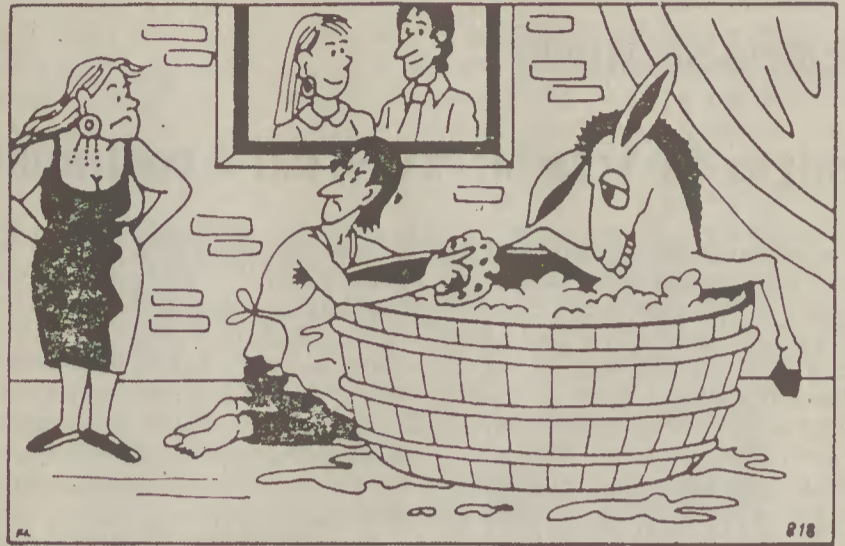
Faça as sementeiras dos cereais praganosos de sequeiro: trigo, centeio, aveia e cevada. Semeie favas e algumas forragens (trevo, azevém, luzerna, etc.).

### NAS HORTAS

Prossiga nos alfobres a sementeira de alfaces e couves. Note-se que embora os alhos se possam semear (plantar) de Outubro a fins de Fevereiro, o mês de Novembro é o de grande tradição na sementeira deste género. Plante couves (lombardos, repolhos, tronchuda, flor e bróculos), alfaces, cebolas de dias curtos e morangueiros.

### NOS JARDINS

Arme canteiros para as sementeiras e plantações próprias da época e para as da primavera. Pode as roseiras e outros arbustos de jardim, bem como árvores ornamentais, nomeadamente as de rebentação mais temporã. Depois de podadas, pulverize as roseiras com calda bordalesa a 1%.



Nesta terra de Basto, santuário de solares repolhudos e umbrosos, houve muita miséria e muita fominha.

O senhor Lourenço que flamejara a escopeta na Flandres, com medalha ao peito, mas de bolsos a abanar, bebia uma enorme malga de leite da chiba, lavava-se da cinta para cima na fonte de Rio Trutas, com uma bacia ao lado e uma toalha apertada à volta da cinta; e, da cinta para baixo, no açudre dos Covilhães.

Era um homem muito limpo. Escovava os dentes com a cinza do borralho ensopada num paninho branco.

— Mesmo que eu tivesse **necessária** não era capaz de fazer o «serviço». Habituei-me assim de pequeno e depois nas manobras militares e na guerra do Kaiser.

Trabalhava durante a semana, numas territas que herdara da esposa, fumava dos «fortes» e aos domingos, muito arranjado, barbeado e penteado, ia à missa das onze, mas ficava em pé, à porta da igreja, para na hora do sermão, sair e não ter que ouvir o padre — «um safado».

Pela tarde, ia até à loja do Manuelzinho jogar a sueca, palavrear e beber com os amigos **uma de três** pela caneca branca de quartilho, «um vinhinho especial de Cavez», e apertava a orelha entre o polegar e o indicador. — Fino!

A mulher metia-se na igreja toda a tarde, como uma lapa, e depois ainda ficava para o terço e a Bênção do Santíssimo, e ele, na taberna, a desforrar-se, e a contar aquelas coisas lindas da guerra, da nomarada francesa de quem teve uma filha e por lá ficou, do caranguejo que se lhe espetou no cu quando dera em se abaixar na maré baixa de uma praia, nos «piratas» dos ingleses, que eram uns fidalgos naquela guerra de quem tinha quilhões no sítio certo, «dos franceses que nos apaparcavam» e dos «côdeas» dos **alamões**, sempre na traição,

## CRÓNICAS SELVAGENS (24)

dos bombardeamentos nocturnos que deixavam lampejos e clarões por todo o cenário da batalha, dos companheiros que iam tombando como tordos, sem lhes poder valer (o capitão, cá atrás, berrava, «para a frente, sempre para a frente, nada de recuar, vai a fuzilamento»), das trincheiras, à espera do tabaco americano, do café muito forte, «como pólvora», que tomavam em copos de latão.

Não conheci o pai do senhor Lourenço, mas sei que morreu de uma pulmonia dupla.

Quando o médico chegou e observou o doente, disse para o lado, friamente, deixando cair com as palavras um gelo na cabeça da mulher.

— Chamaram-me tarde. Nada feito. Está nas últimas. Pode mandar tocar o sino e de caminho chamar o padre, se acredita na léria dos óleos santos. Eu cá não, mas à segurança...

Por estas terrinhas, de que Lisboa não conhecia o nome, os clínicos chegavam sempre tarde, quando chegavam, como os comboios, ao invés dos advogados, dos escrivães, dos aguazis da Justiça e dos agentes da Fazenda Pública.

— o doutor Lemos só para subir as escadas do Tribunal leva trezentos escudos, mas também é quase certo que ganha a causa. «Imquestãs d'águas ninguém lhe leva as lampas».

A mulher, magra e pontuda, retirou-se à cozinha e trouxe ao médico um mosalguinho<sup>1</sup> e foi logo para a beira do marido, sofrida e meia arreada.

— Senhor doutor, senhor doutor, está todo a tremer como vergas verdes.

O médico deixou o petisco em meio e achegou-se de mansinho, curvando-se sobre o moribundo, enquanto ela ia desatufando.

— Foi de apanhar uma mólha valente no monte, todo o dia a roçar mato.

— Ah, pois foi, foi!

— Mandei-lhe tirar a roupa. Que não, que a enxugava à lareira.

— Pois é, acabou por enxugá-las nos pulmões.

— E agora?... e abria os braços, esperando o milagre do doutor.

— Quando lhe ouvir os estertores, logo um silêncio, e depois um ronco, a seguir morreu... Raio de país. Uma corja! Uns têm tudo, outros não têm nada, veja só, e corria o olhar pelo sobrado quase vazio.

E a mulher, por outro lado, chorosa:

— O senhor doutor, haja de desculpar, mas também passa o tempo a dizer mal do Salazar, quando todos, e incluindo os padres, dizem que ele é Pai, até nos salvou desta «segunda guerra».

O clínico perdeu, como ele dizia, a santa paciência, e ia para desatramelar duro, mas conteve-o o respeito ao moribundo.

— A senhora não percebe nada de política, nem adianta perceber, metem-lhe minhocas na cabeça.

E amargo:

— Faço duas horas no Hospital, aquilo nem hospital é, parece um albergue, de que me adianta? Os filhos levam-mo todo... parecem sanguessugas. O outro médico, que está de boas graças com o Governo, um pachanas, é que é o director daquela espelunca. Já tinha o cargo prometido, ainda andava a acabar o curso. Neste país é assim: uns, reguilas, sobem, os outros, os trouxas, descem. E sabe a senhora por quê? Porque o pai era da União Nacional, uma merda de união que deixa a metade das boas cabeças deste país de fora. União é com

(Continua na pág. 10)





Estamos suficientemente esclarecidos, Portugal é a sede do nacional porreirismo!

Não sei se os meus amigos viram o último «Terça à Noite», na SIC, dedicado à discussão de Timor.

Se viram, dou-lhes os parabéns: assistiram ao espectáculo da falta de vergonha, da desfaçatez, e também da ignorância.

E viram, com certeza, puderam pelo menos confirmar, que o sentimento patriótico e histórico é coisa que deixou de existir em Portugal, pelo menos para aqueles senhores (excepção a Luísa Teotónio Pereira) que, convidados pelo Miguel Sousa Tavares, se dispuseram a estar presentes frente a alguns milhares de portugueses.

Refiro-me a Pacheco Pereira, a António Barreto (o menos mal, apesar de tudo), e a Galvão de Melo.

Galvão de Melo, o general,

## O CASO DA QUINZENA

por MÁRIO DIAS RAMOS



perdeu uma boa ocasião de ter ficado calado. Foi vergonhosa a sua prestação. Pacheco Pereira foi

o «era ou não era» de sempre.

O nosso menino António (o Barreto) que esse sim, é inteligente e bastante imaginativo, ainda foi o que se portou melhor: negociem com Sucarno a situação dos timorenses, mas não na qualidade de amigos dos indonésios.

Assim é que é, António, chega-lhes!

Quanto aos assistentes convidados, uma palavra de simpatia para com o brigadeiro Lemos Pires, porque teve a coragem de se assumir e de culpabilizar o governo fantoche de então (Vasco Gonçalves), por tudo o que se passou em Timor, depois da exemplar «borrada» que foi o processo de descolonização.

Um sinal de bom + para o jornalista João Gabriel, da SIC. Tudo o resto foi para esquecer.

(Continuação da pág. 8)

todos, acho eu, agora só cos que dizem amen o Salazar...

Não dizia só mal, vociferava, batia com os pés no chão e dava urros.

— Uma África inteira ao laréu e nós aqui uns por cima dos outros, a tenir. De que é que a senhora vive? De labrestos, pois. A carne comem-na eles. Para nós os ossos. Os governantes querem é viver à custa da barba longa, mãos brancas e bons anéis, bom automóvel, amigas para o gozo e criadas para todo o serviço, que vêm buscar aos viveiros da plebe.

A pobre da mulher já nem o ouvia, tão abismada estava com a morte do marido, mas não se conformava.

— Por que é que o senhor doutor não lhe aplica as ventosas?

— Mas que santa ignorância! As ventosas e os emplastos já não lhe adiantam, é o mesmo que lhe pôr papelão nas costas. Os pulmões estão sem irrigação. Olhe a dispnéia. Parece que ronca... E frio, como o mármore.

— Depois, mando a certidão de óbito pelo Ferruge. O cangalheiro já está a esfregar as mãos, disse-me que não faz um enterro a um lavrador há mais de meio ano, só a pobretanas. E que ainda assim não há nada que chegue a um enterro com caixão forrado, e a pegar às borlas, é outra música, dá outro gosto... Aquele Ferruge é danado. Eu, por uma banda a tentar salvar os doentes, e ele, por outra banda, mancheço, a chamar pela coruja à noite. Este inverno ainda não recebeu um tostão de qualquer enterramento. Uns estão à espera de mercar o milho e o feijão na feira, os mais, lá para diante, quando houver vinho novo. Se eu, por mais antigo, não estivesse na posse do partido médico, punha-me daqui a andar, ainda era capaz de dar uma saltada ao Brasil ou à América. Aqui embrutece-se. Já lá não vou acima sem uma boa cartola. Viu como acabou o Dr. Sardoeira? De socos e andaina de cavador naquele casarão que metia medo, sem tostão amealhado e com a filha aos ais...

E, suspendendo-se um instante, a ouvir a canalha aos berros.

— Estes seus netinhos são o diabo do inferno.

— Não saem nada a mim. Saem, pelo lado da

## CRÓNICAS SELVAGENS (24)

mãe, a um tal Catarino Reimão, que lá anda por Manáus feito caipira e cavalheiro de indústria.

Um jornaleiro, de sacholo às costas, olhava pelas escadas acima, a ouvir o zum-zum entre a mulher e o médico.

— Ó João, como vai a vida?

— Passam-se dias que não se tira para o quartilho. Outros dias, vá que escape!

— Muitos têm ido ao «minério»...

— Minério? Muito arriscado, noites fora de casa, é preciso sorte e só quem tem bom lúzio desencanta do bom.

Numa feira dê pensamentos inexpressos é descontração, o médico, a observar pela varanda de madeira a espadado sem fim, veio mais uma vez ao desabafo:

— Nesta peregrinação a Compostela, que é a vida, o bernal vai ficando vazio. Estava o ar manso, muito moroso, que já a poupa, ao florear por cima das paredes velhas o deslavado pente sevilhano, cantava e recitava: **Poupa o pão! Poupa o pão!**

— Miga bem, Jaime, que só tens caldo!

— Está na minha hora de regresso ao consultório, que deve de estar mais ou menos às moscas, mas para onde eu havia de ir directo como um fuso, era para Lisboa, levar a vida de concertina e de cantiga.

— Mas estes sítios são lindos e sossegados, senhor doutor, e o senhor doutor, afinal, até foi criado por aqui.

— São, sim senhor, e percebo bem o apego que vocês lhe têm. Além da utilidade que estas aldeias representam para ele, o homem que se atrasou 500 anos do europeu de verdade, povoou-as com os seus sonhos, os seus medos, as suas prospopeias de cada hora, que lhe vêm do avô troglodita, mas vou-me calar, porque a senhora não entende o corrume de tais palavras.

E enquanto ia mastigando devagar.

— Já pedi três vezes ao Governo de Sua Magestade o Antoninho a transferência. Nada! Não abicho mesmo...

— Quanto é, senhor doutor?

— Por mim, nada! A senhora tem de pagar a

demora e as ferraduras novas do cavalo no ferrador da Ponte de Pé.

— Mas ele, coitado, está velho, nem para ferrar jericos serve.

— É o que está mais à mão. Quer que leve o cavalo a Canedo, duas léguas tesas daqui? Fica-lhe pelos olhos da cara, porque o cavalo só está atinado comigo e eu não vou abandonar o consultório.

E que não aconteça outra na casa, como esta. Um médico até fica sem saber onde há-de pôr as mãos...

— A necessidade é muita, senhor doutor.

— Não digo que não. Mas estes homenções julgam que são de ferro...

Pude conhecer este médico, em fim de carreira, e tentei azucriná-lo, aferronhá-lo.

— Ó senhor doutor, o Salazar, quando fundou a União Nacional era com a ideia de que todos os bons portugueses se juntassem à roda do chefe, menos os comunistas e os ateus.

Apercebeu-se do meu sorriso escarninho e meneou a cabeça.

— Só no toutiço do Dr. Salazar é que podia germinar uma ideia dessas, tão burra como idiota.

Sobre a morgada de Ranhados, quando a via passar e tornar a passar, a cruzar e a descruzar, a parar sem razão, a mirar o céu, nervosa, cheia de tiques faciais:

— Sabe do que ela precisa, a «menina do Casal de Ranhados»? De umas boas esporas.

E o malandro do médico tinha acertado em cheio. Não casou com homem novo (queria-o rico e jeitoso), casou um pouco no tarde com homem cinquentão e com fracas esporas. Mas sossegou, enfim.

O pai do senhor Lourenço Tapulho morreu nessa tarde longínqua, a esposa dele a seguir e o médico, uns anitos encaixado nas «Caixas» de Vila Nova e Sendim, deixou este «paraíso terreal», como ele dizia, na dobra dos setenta e nove, numa das esquinas traiçoeiras do câncer, relapso e inconvertido, ao desflorar da lânguida «primavera marcelista».

<sup>1</sup> Mosalquinho era um pitéu caseiro que se reservava para certas pessoas nas casas de lavoura.